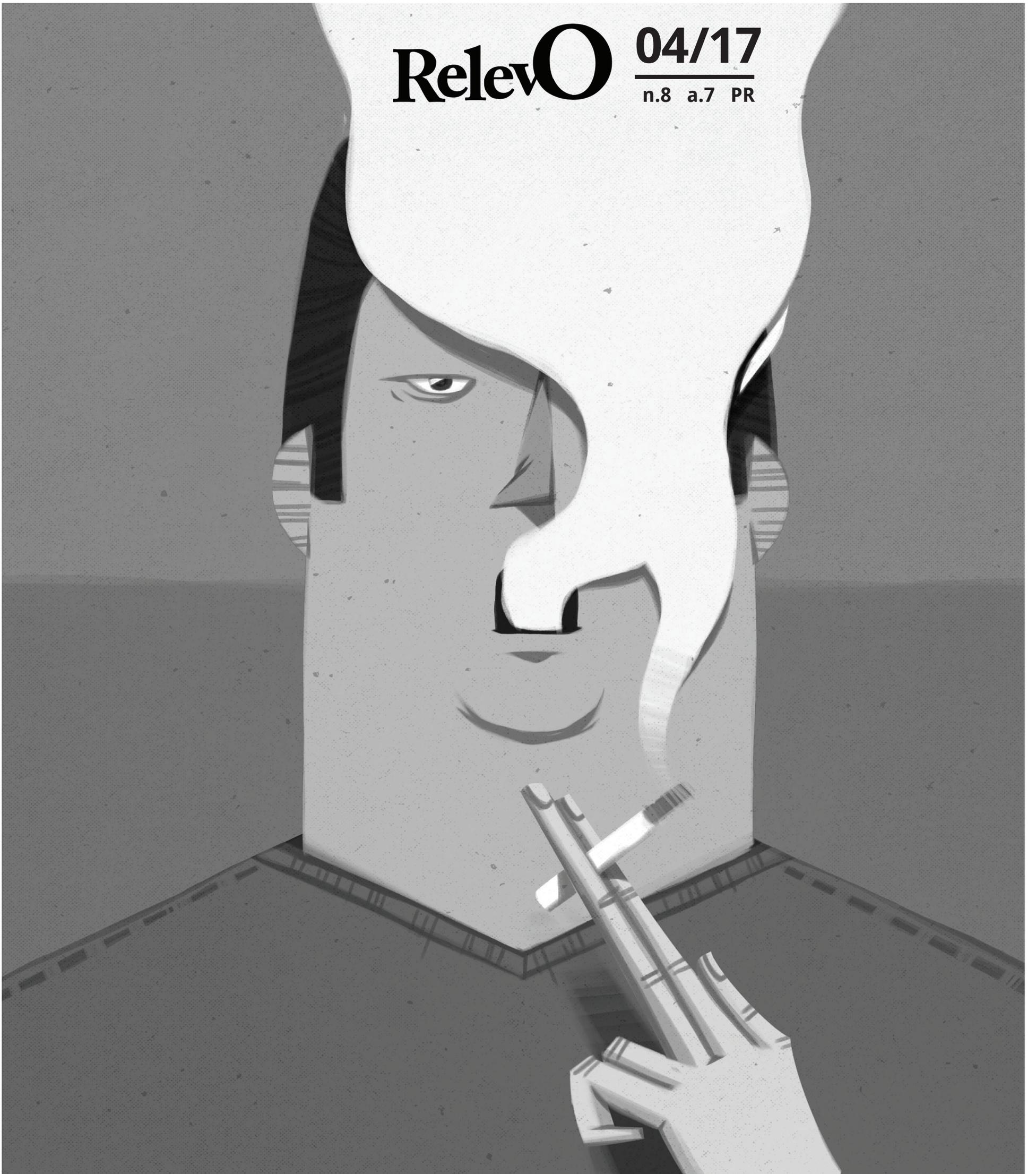


RelevO

04/17

n.8 a.7 PR



Assine a Enclave, nossa newsletter,  
acessando <[jornalrelevo.tumblr.com](http://jornalrelevo.tumblr.com)>

## Editorial

Mês a mês, percorremos uma turnê em busca do leitor. Aumentamos a distribuição, projetamos novos pontos, construímos parcerias para o jornal chegar em novas cidades, entregamos exemplares pessoalmente aos autores, abrimos os Correios logo cedo com malotes que são enviados pelo sistema mais barato – também por isso, irritamos nossos assinantes quando dá metade do mês e nada do jornal chegar na residência. Bem, não era para demorar tanto, estamos trabalhando para evitar isso.

Temos dificuldades estruturais porque todos fazem de tudo um pouco na casa de barro. O revisor escreve e revisa (supostamente), o editor-assistente escreve também a newsletter do jornal, a diagramadora elabora o projeto gráfico e faz uns correções comerciais. Mal dá meio-dia e o editor está em Contenda, levando jornais ao balcão da Prefeitura local e desviando de carroças e tratores.

Ao fim de todo o percurso, que não se encerra de fato, imaginamos que estamos a entregar, em suma, um periódico a carregar um quê de delírio, um quê de confusão, um quê de insurgente, um quê de desorganização, uma certa forma de enxergar o mundo e enfrentar as dificuldades.

É muito bom fazer jornal – e cansa.

É muito bom levar o jornal às mais de 30 cidades nacionais que atingimos – e perigoso financeiramente.

É muito bom contar com nossos 318 assinantes mensais – não desistam.

É muito bom e importante defender o orçamento mensal com nossa pequena dezena de anunciantes – reforços.

À margem de tudo isso e por dentro de cada página, respira uma certa vontade do **RelevO** de persistir em uma época com uma missa de sétimo dia programada para cada periódico em circulação.

Alhures, um jornal sobrevive por um conjunto pouco romântico de fatores estruturais, assim como um corpo se mantém em pé pela soma salutar de seus ossos. Aqui estamos novamente, em riste, por um jornal pulsando na mão do tempo.

Uma boa leitura a todos.

## Apoiadores

Alexandre Guarnieri (Rio de Janeiro)  
Assis Furtado (Araraquara)  
Ben-Hur Demeneck (Ponta Grossa)  
Demétrios Galvão (Teresina)  
Josiani Netto (Santos Dumont)  
Lisa Alves (Brasília)  
Severo Brudzinski (Curitiba)  
Silvio Demétrio (Londrina)  
Wesley Souza (São Bernardo do Campo)

## Erratas

Em março, não soubemos dividir melhor o que nos sobra.

Também colocamos no Expediente que o jornal tinha fechado um mês antes da data realmente fechada. Questão de interpretação.

## “Como faz?”

Escreva para [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com) e assine o impresso independente que mais faz a cabeça da galera!

**E, em tempos hiperconectados:**

[instagram.com/jornalrelevo](https://www.instagram.com/jornalrelevo)

[facebook.com/jornal.relevo](https://www.facebook.com/jornal.relevo)

[twitter.com/jornalrelevo](https://twitter.com/jornalrelevo)

## Quem mais

A capa e as ilustrações internas dessa edição são de autoria de Caio Beltrão. O trabalho dele pode ser conferido em <[www.caiobeltrao.me](http://www.caiobeltrao.me)>

## Assine

Cinquentão por ano só.

Jornalzinho em casa todo mês.

Apoiando o periódico independente.

Assina aí, vai, nunca te pedimos nada.

## Publique

Para publicar no jornal mais cardinal do Brasil, basta nos escrever por aqui: [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com). O editor recebe o texto em (e de) qualquer gênero, acende um charuto cubano emprestado, lê em voz alta enquanto ouve uma opereta de temas trágicos e retorna ao escritor e escritora em todas as situações, conforme o Estatuto RelevO de boa convivência com o meio literário.

## Quem

**Editor** Daniel Zanella

**Editor-assistente** Mateus Ribeirete

**Ombudsman** Gutemberg Medeiros

**Revisão** Mateus Senna

**Projeto Gráfico** Marcell Mengarda

**Logística** Thaís Alessandra Tavares

**Redes Sociais** Felipe Gollnick

**Impressão** Gráfica Exceuni

**Tiragem** 3.500

Edição finalizada em 02/04/17

## Quanto

**Assinantes:** R\$ 100 Paulo Bearzoti Filho; Zaclis Veiga; Luz Dary; Isabel Ribas; R\$ 60 Laura Silva; R\$ 50 Carvalho Junior; Zaclis Veiga; Priscila Lira; Felipe Aníbal; Katia Brembatti; Andréia Porto; Carolina Goetten; Ezequiel da Silva; Ismael Alencar; Dagmar Spring; Nara Vidal; Rodrigo Madeira; Emerson Castro; Cesar Felipe Pereira; Guilherme Ganem; Ades Nascimento; Marcela Guimarães; Thomaz Ramalho; Lisa Alves (total: R\$ 1.360)

**Anunciantes:** R\$ 100 Penalux; R\$ 50 Insight Livros Artesanais; Avon; Ehlkefarma; Loterias Avenida; Fisk; Estação Brasil; Livrarias Joaquim; Greicy Bellin (total: R\$ 500)

**Gráfica:** R\$ 1.100

**Distribuição:** R\$ 250

**Assinantes:** R\$ 450

**Papelaria:** R\$ 80

**Custos totais:** R\$ 1.880

**Receita total:** R\$ 1.860

**Balanço de mar. 2017:** -R\$ 20

# abril de dois mil e dezessete

ISSN 2525-2704

fundado em set./2010

## Cartas do Leitor

POST MORTEM

**Munique Duarte:** A Enclave morreu?

**Walter Bach:** Salve, Encravados! Ou Enclavados, sei lá. O verbete do Pink Floyd é fritaço de cérebro, parece um bom easter egg de DVD. Já a outra interpretação do quadrado sator é nova pra mim, gostei de como vocês deram espaço pra essa. Abraço sem erro de digitassum e não botem o raciocínio dentro do liquidificador.

**Sofia Ricciardi:** Recebi o **RelevO** e as listas tão sensacionais.

PROCON

**Clemilton Carvalho:** Boa noite, **RelevO!** Hoje, 15/03, já passando das 20h23, e nada de eu receber a minha assinatura em casa.

*Da redação: Clemilton, estamos com alguns problemas no sistema de entrega MDPB. Essa bela modalidade de prestação de serviço deveria garantir a entrega em até sete dias. Não está acontecendo. (Mas também teve uma pequena quantidade de malotes que foram enviados no dia 10. Culpa nossa.)*

VAMOS?

**Bruno Barcellos:** Um **RelevO** inteiro de traduções. Seria meu sonho.

*Da redação: Cai dentro.*

TAMBÉM TEM SATISFAÇÃO DE NOVO ASSINANTE

**Elisa Ponciano:** Para quem pretende ir para a área de jornalismo cultural/

literário acho que vai ser ótimo ir me familiarizando com os conteúdos. Obrigada pela oportunidade de assiná-los.

DAS COISAS QUE EU VI

**Marina Tadeu:** Gostei muito do poema da Ana Farrah Baunilha. “Sou ré confessa”. Muita força por aí.

**Felipe Gollnick:** Como dizia Chapolin Colorado: TCHURIN TCHURIN TCHUN KLAIN

**Amanda Mello:** Fazia tempo que eu não lia o **RelevO**. Gosto muito.

**Sebastião Ribeiro:** SHOW

**Ezequiel Theodoro da Silva:** Parabéns pelas matérias. Mantenha a linha editorial do jornal: está equilibrada e saborosa. Abraço grande a todos.

**Paulo Vallim:** Longa vida ao **RelevO!**

## Onde

**Araraquara:** Biblioteca da Unesp / Biblioteca da Chácara Sapucaia / Biblioteca Pública Municipal / Casa da Cultura / Palacete das Rosas

**Araucária:** Arquivo Histórico Municipal / ASPMA / Banca do Zebrão / Banda Municipal / Bar do Tiko / Biblioteca Pública Emiliano Pernetá / Câmara Municipal / Casa do Artesanato / Casa da Cultura / Casa das Palavras Brincantes / Casca Bar / CEU / Colégio SESI / Correios (Victor do Amaral) / Duetto Café / Escola Municipal Terezinha Mariano Theobald / Exato Cursos Pré-Vestibular / Faneesp / Fisk / Loteria Zanella / Memorial de Araucária / Museu Tingüi-Cuera / Núcleo

Cultural do CAIC / Panificadora Vitally / Panificadora El Grano / Papelaria Reginelly / Panificadora Sol / Prefeitura Municipal / Rádio Iguassu / Secretaria de Cultura / Sismmar / Teatro da Praça **Brasília:** Casa Frida Kahlo

**Campo Largo:** Biblioteca Pública Municipal / Casa da Cultura / Inspirarte Centro Cultural / Museu Municipal / Sebo Só Ler

**Castro:** Biblioteca Pública Municipal Bernardo Litzinger / Biblioteca Cidadã Professora Nelsi Kugler / Espaço Cultural Casa da Praça / Casa da Cultura Emília Erichsen

**Contenda:** Biblioteca Pública Municipal / Escola Municipal Vanilda Dzierwa / Panificadora Gaspar / Panificadora Schinda / Prefeitura Municipal

**Curitiba:** 4beans / Agendarte / APP/ Ave Lola / Baba Salim / Bar da Produção / Bar Fidel / Bardo Tatára / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Bristol Hotel / Brooklyn Café (Vicente Machado) / Brooklyn Café (Trajano Reis) / Café Avenida / Café do Teatro / Café Express / Café Mafalda / Casa Artes Visuais / Casa das Bolachas / Casa Verde / Choripan / Dizzy Café Concerto / Faculdades Santa Cruz / Fingen Café / Freguesia do Livro / Full Jazz / Gazeta do Povo / Itiban / Joaquim Livraria / Kapelle Bar / Kiko's Bar / La Chiviteria / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chain / O Torto Bar / PUC – Comunicação / Panificadora Provence / Pedro Lauro / Ponto Final / Rause Café / Restaurante Mamba / Sebo Santos / Sebo Arcádia / Selvática / Sindijor / Solar do Barão / Tuboteca / Unibrasil / UP – Jornalismo e Biblioteca / Universidade Tuiuti

/ UFPR – Biblioteca de Ciências Humanas e Centro Acadêmico de Letras / UTFPR – Biblioteca / Uniandrade – Biblioteca / Wake Up Colab

**Florianópolis:** UFSC

**Itajaí:** Univali

**Joinville:** Univille

**Juiz de Fora:** FLUX / Espaço Excalibur / Biblioteca Pública Murilo Mendes

**Londrina:** UEL / UNOPAR

**Palmeira:** Biblioteca Municipal Moisés Marcondes / Secretaria de Esporte e Cultura / Livraria e Papelaria Lima Limão / Uninter

**Ponta Grossa:** UEPG – Jornalismo e Letras / Biblioteca Municipal / Bar Romanóv / Frederikos Cervejas & Cervejas / Boteking / Caffee Maria's

**Porto Alegre:** Livraria Traça

**Rio de Janeiro:** Arlequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Livraria Instante do Leitor

**São Bernardo do Campo:** Biblioteca de Arte Ilva Aceto Maranesi / Biblioteca Guimarães Rosa / Biblioteca Manuel Bandeira / Biblioteca Monteiro Lobato

**São Carlos:** UFSCAR

**São Luís:** Livraria Poeme-se / Sebo do Arteiro

**São Paulo:** Casa Guilherme de Almeida / Sarau da Paulista / Patuscada Bar

**Teixeira Soares:** Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares / Departamento de Cultura, Turismo e Patrimônio Histórico / Escola Municipal Madre Rosa Rosato

**Teresina:** Casa da Cultura / Biblioteca Cromowel de Carvalho / Café da Gota Serena / Espaço Artístico e Galeria Sobrado / Espaço Galpão

## Apresentação sentimental (Ben-Hur Demeneck)

O poema “Os poetas menores”, de Paulo Hecker Filho (1926-2005), me acompanha desde quando passei a ser assíduo no jornalismo e nas letras. Ele se transformou na minha versão particular de *As Ilusões Perdidas*, do Balzac, por criticar quando os autores passam a valorizar mais as relações sociais do meio literário do que a produção de uma obra com valor artístico.

O livreto “Vento, Águia, Coelho” integra um box de livros lançado em 1991 pela Prefeitura de Porto Alegre. Não vou saber se encontrei essa coleção *Petit Poa* num sebo da Rua Riachuelo, quando visitava a capital gaúcha, ou enquanto circulava pelas estantes na Emiliano Perneta, no Centro de Curitiba. Apenas me dei conta que, ao topar com a comparação entre um *poeta* e um *poeta menor*, era provocação demais para eu dar conta na primeira leitura.

Lembrei que Manuel Bandeira se desculpa por ser um “poeta menor” em *Testamento*, logo depois de encadear – “Gosto muito de crianças: / Não tive um filho de meu. / Um filho!... Não foi de jeito... / Mas trago dentro do peito / Meu filho que não nasceu”. A cada verso que ele lança na página, uma paisagem sonora emerge em tom menor. Bandeira compunha poemas como se escrevesse partituras que incitam a tristeza. Era *menor* em sua harmonia.

Avanço outros dez anos e chego ao tempo da presente escrita. No poema, tipos fazem a promoção social preponderar sobre a prática da literatura. O quase-manifesto de Paulo Hecker Filho pode não resolver o mundo de hoje, tão fractalizado pela convergência tecnológica e cultural. No entanto, a ironia do poema faz entrever um horizonte em que se abrigam multidões de poetas, enquanto que a homogeneidade dos *poetas menores* apenas atesta sua pouca disposição aos riscos e paradoxos das artes.

A provocação feita contra o *poeta menor* causa reverberações por onde passa – “Vivesse para valer, podia não ser poeta, / mas não seria um poeta menor”. Ainda que pare um idealismo sobre esse poema de “Vento, Águia, Coelho”, os versos deixam uma pergunta bem prática ficar de tocaia – o que vem antes para você, autor, a busca gregária ou o envolvimento artístico? Tente responder.

# Os poetas menores

Paulo Hecker Filho

Os poetas menores vão conversar nas livrarias, frequentam palestras, congressos, seminários e tardes de autógrafos pensando nas suas. Os poetas menores participam de semanas culturais e feiras do livro até no interior. Só não estão em casa trabalhando. Não têm tempo.

Os poetas menores fazem visitas e são visitados. Assistem a sessões em que conhecem a mesa e a plateia e cumprimentam cada um. São os primeiros a abraçar pelo prêmio ou a homenagem e apesar disso têm emprego, mulher, filhos, fumam, ou não fumam, comem nas horas regulares e escrevem. Não sei como.

Já os poetas andam atrás de sua poesia. Segundo Faulkner, por ela deixariam morrer as tias. E tias aí é eufemismo, a Bíblia diria pai e mãe.

Ninguém mais fácil de contentar do que um poeta menor.

Lembre algo que ele publicou e logo receberá em sua casa as obras completas, sempre mais numerosas do que previa e com dedicatórias de enrubescer seu ego, por desproporcional que seja, como é a regra.

Folheia os livros e viu tudo, se aproximam, não chegam, repetem, não dizem. mas o autor deseja opiniões precisas e se refere a páginas que não estão entre as vinte e duas que você leu e não gostou. A sorte é que supõe a favor o que é reserva e sorri.

Para o poeta basta o que escreve, o poema dá sentido à sua vida. Sem o poema, restam ao poeta menor os comentários. Não estranha que seus tímpanos dobrem de sensibilidade ao menor sinal de interesse.

O poeta menor ri, fala macio, é prestimoso, evita problemas na vida como na arte. Por isso justamente é menor, embora sofra tratando de não sofrer. Na arena das relações e das letras, não enfrenta os leões, mas não acaba menos devorado, pois há leões onde menos se espera.

Não se pode dizer que o poeta menor leve uma vida atribulada. Busca se preservar de riscos, o que às vezes é tão incômodo como corrê-los, mas a falsa poesia que faz mostra que leva uma vida falsa. Vivesse para valer, podia não ser poeta, mas não seria um poeta menor.

O poeta menor não chora de noite como o poeta, de noite ele dorme. No outro dia, refeito, ocupa-se tanto que não sobra espaço para o poema. Já o poeta, mesmo sem pensar no poema, o vive e assim, quando vai ao seu encontro, pode dar com ele.

Diante desses fatos, e outros de teor semelhante, vê-se que os poetas não costumam ser agradáveis e que os poetas menores são encantadores. É ir ao poeta pelo seu poema e folhear em pessoa o poeta menor.

# Corpo-a-corpo com a vida

Ombudsman • Gutemberg Medeiros

Em 1993, participei como ouvinte de congresso sobre os rumos do jornalismo cultural no Brasil e na Alemanha, no Instituto Goethe paulistano e com a presença de editores dos mais importantes jornais de ambos os países. Ainda na era pré-Internet, já se falava abertamente da crise no setor que resultou na presente exiguidade – para sermos econômicos ante quadro tão devastado.

Entre os editores que entrevistei, estava um dos mais destacados e longevos em atividade na Alemanha, à frente do suplemento semanal do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. No mesmo posto, o escritor e pesquisador Siegfried Kracauer fez história e parte da sua preciosa produção jornalística pode ser lida em *O ornamento da massa* (Cosac Naify).

Após abordar as questões relativas ao congresso, perguntei o que estava sendo trabalhado – direta ou indiretamente – na Alemanha após a queda do muro de Berlim e a reunificação do país. Ele me dirigiu um olhar gélido e perguntou se algum escritor trabalharia com isso. Respondi que dialogar com os rumos de seu país era normal na literatura mundial e, especialmente, na literatura alemã. E enumerei nomes representativos, como Goethe, Novalis, Thomas Mann, Brecht e Peter Handke. O editor me cortou ao ouvir este último nome, declarando ser austríaco e não alemão. Despediu-se secamente. Além de tudo, era ligado a uma tradição ultrapassada da crítica, ao priorizar o local de nascimento e não a língua de expressão original.

Venho abordar este aspecto por sentir um tanto falta desse diálogo explícito ou implícito da literatura atual com o importante momento vivido por todos nós no Brasil, pelo menos desde 2013. Digo isto pensando especialmente na produção dos autores que colaboram com o **RelevO**.

Não estou dizendo para fazer

proselitismo defendendo um lado ou outro da polaridade que nos assola. Nada disso. Mas considerando como a literatura é também um espaço possível para expressar o demasiadamente humano de nosso tempo e espaço, partindo de determinadas vozes do passado e se projetando ao futuro, para lembrar o pensador russo Mikhail Bakhtin.

Alguém que estava afinado com essa proposta – não, corrijo, mais do que isso, um ofício de vida – foi o escritor João Antônio. Ele chegou a cunhar uma expressão das mais ricas, o seu constante “corpo-a-corpo com a vida”. Em crônica intitulada “Eu mesmo” e publicada em 9 de março de 1976 no extinto jornal diário *Última Hora*, escreveu: “Estou aqui, atrás da minha máquina, para um corpo-a-corpo com a vida, com vocês e com a cidade”. Logo adiante, no mesmo texto, “Se fosse para fazer pirueta mental e procurar brilharecos de fácil conquista, acho que não estaria aqui, agora, atrás da minha máquina”.

Alguém incauto apressado poderia dizer que João Antônio falava isso por ser mais jornalista do que escritor, pois o mais importante nas artes – especialmente na literatura – seria a forma, o cinzelamento do texto ou coisa parecida. Apesar do que muitos pensam, nem os Formalistas Russos do começo do século – entre eles Chklovski, Jakobson e Tinianóv – chegaram a defender tal posicionamento. Inclusive, eles se comprometiam com a vida emergente pré e pós-1917, tendo entre seus principais parceiros de vida Eisenstein e Maiakovski, entre outros das vanguardas russas.

A literatura brasileira está repleta de escritores que praticaram esse corpo-a-corpo com a vida. A exemplo de Lima Barreto, sobre o qual falamos na coluna anterior. Talvez um dos momentos mais contundentes neste sentido seja o poema dedicado a

Stalingrado, de Carlos Drummond de Andrade (*A rosa do povo*, 1945), ao cantar a resistência heroica ao cerco desta cidade pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial. Além da admiração do poeta a esta resistência, acompanhada pelos telegramas de Moscou (“A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais”, diz em um de seus versos), Drummond também ecoava sobre a resistência a outra ditadura não estampada na nossa imprensa, a de Getúlio Vargas, de moldes fascistas. Ninguém pode alegar em sua consciência que o poeta colocava a ética acima da estética.

Uma escritora das mais importantes entre nós é Hilda Hilst, cuja poesia completa acabou de ser lançada pela Companhia das Letras. Muitos a chamavam de esteta vazia, a viver numa torre de marfim. O tempo provou o contrário em sua vasta obra que compreende poesia, teatro, prosa poética e crônica jornalística, nas quais, direta ou indiretamente, discute as agruras de seu tempo.

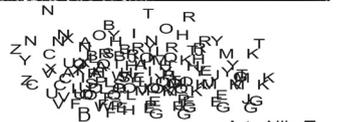
Para ficar apenas no mais explícito, todo o seu teatro está pejado desse diálogo. Especialmente a peça “O Verdugo” (vencedor do Prêmio Anchieta de revelação no teatro paulista de 1968), que aborda discussões de fundo ético a partir das reflexões de um carrasco em plena ditadura civil-militar. Ou a série “Poemas aos Homens de nosso tempo”, (1974). Em determinado momento, emergem os versos: “LÍDERES, o povo/ Não é paisagem/Nem mansa geografia/ Para a voragem/Do vosso olho./POVO. POLVO./UM DIA).

Por isso, peço aos criadores de **RelevO** que ousem mais em entrar nesse corpo-a-corpo com a vida. Pois quem tece palavras com os fios do tempo presente pode compor memória e tocar o essencial do humano. Como nos atualíssimos versos de Hilda Hilst.

# sarau da paulista

POETAS OCUPAM A PAULISTA/  
 /ESQUINA COM A PEIXOTO GOMIDE  
 MICROFONE ABERTO A TODAS AS ARTES  
 ÚLTIMO DOMINGO DO MÊS  
 QUINZE HORAS  
 SARAUDAPAULISTA@GMAIL.COM

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



Arte Nilo Trovo  
 NOVO ENDEREÇO:  
 RUA CÂNDIDO LOPES, 205, 3.º ANDAR, CONJUNTO 34

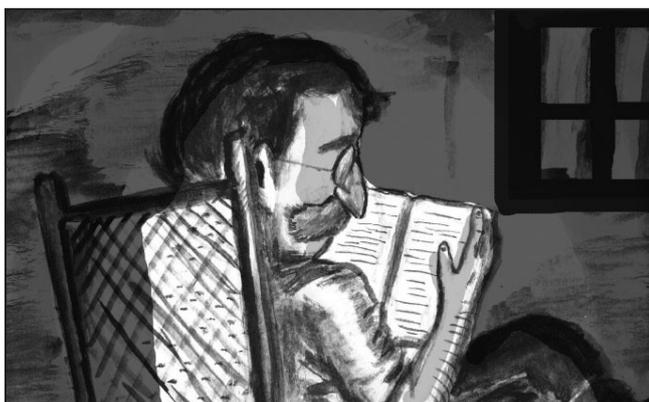
PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO ARAUCÁRIA-PR



**FISK**  
 CENTRO DE ENSINO  
 3642-3690 3031-7040  
 R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando [www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br) e [facebook.com/penaluxpenalux](https://facebook.com/penaluxpenalux).

Para envio de originais:  
[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)



**A cor e a textura de uma folha em branco** é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

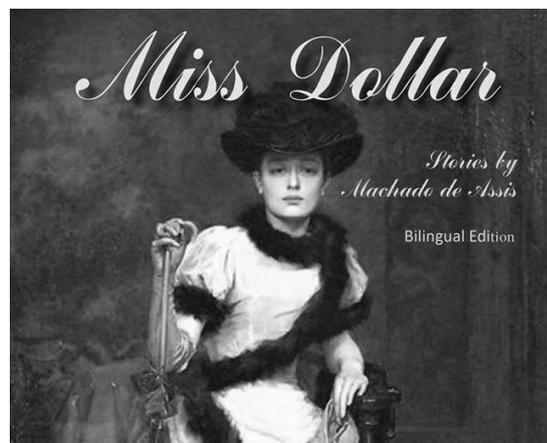
Para adquirir o livro: [www.amazon.com](http://www.amazon.com)

## ADVOCACIA

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA  
CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho  
(OAB/PR 48.641)

Rua Antônio Zanon, 1.606, Tatuquara  
Curitiba, PR, CEP 81.480-150  
(41) 3564-7194 (41) 98440-5050

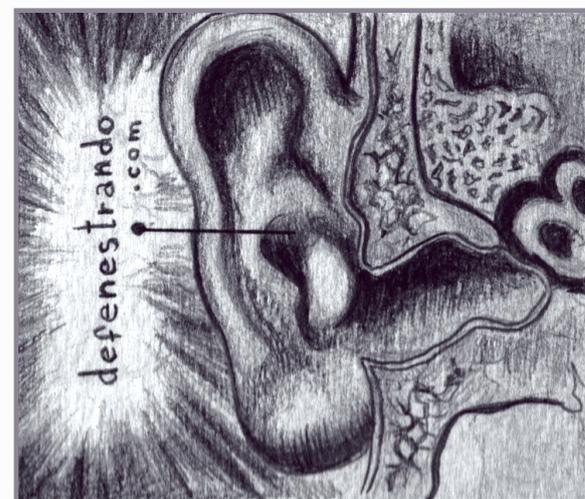


## MISS DOLLAR - STORIES BY MACHADO DE ASSIS

TRADUZIDO POR GREICY PINTO  
BELLIN E ANA-LESSA SCHMIDT

ADQUIRA O SEU EXEMPLAR EM:

[WWW.AMAZON.COM/MISS-DOLLAR-STORIES-MACHADO-BILINGUAL/DP/0996674748](http://WWW.AMAZON.COM/MISS-DOLLAR-STORIES-MACHADO-BILINGUAL/DP/0996674748)



APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO  
E-PARANÁ AM 630 | DOMINGO - 13H



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532  
ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



LIVROS | VINIS

**JOAQUIM LIVRARIA & SEBO**

RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

## Le cri

### Jeanie Bogart

Enfant des tropiques  
fille d'esclaves suis-je  
ce n'est pas une plainte  
ni une lamentation  
c'est un cri

un cri  
pour que survive la mémoire  
pour que reste l'image  
des chaînes  
que j'ai cassées de ma poésie  
brisées de mes peurs  
arrachées de mes limitations  
abolies de mes discours  
pour que les chaînes soient symboles  
de ce qui ne sera jamais plus

enfant des tropiques  
fille d'esclaves  
mon pays s'inscrit en lettres de feu  
dans des yeux d'enfants  
la mer emporte les soupirs

mon grand-père  
s'était lacéré les mains  
sur les feuilles de cannes à sucre  
grand-mère  
d'une goutte de clairin sur ma langue  
me souhaila la bienvenue  
le jour de ma naissance

Martinique-Haïti  
caraïbe de mes afflictions  
identité rebelle

aïeux des horizons lointains  
je vous berce encore  
par les mélodies de ma mémoire

sur ce bateau  
dont le nom m'est devenu hostile  
le destin  
vous avait déjà emboité le pas  
sur cette terre aux parfums d'épices

la vie s'était figée  
et belle fut-elle au soleil  
sommolant à la tombée du jour  
colorée fut-elle de créoles  
à la peau de toutes les nuances

ma mémoire me frappe la poitrine  
elle la gonfle de fierté  
j'associe le sang à la canne à sucre  
celui de mon grand-père que je n'ai

pas connu  
grand-père  
écroulé sous le fouet du colon

l'Afrique et sa brousse  
me sont resté cloîtrés dans l'âme

je change de peau  
je change de couleur  
au gré de ma mémoire  
qui se veut histoire  
qui se veut avenir

dans mes yeux  
une larme salée

Haïti-Martinique  
bleu fantasme  
le passé nous ficelle l'âme  
le cri revient  
toujours en force  
à me péter la gorge  
le sang de mon grand-père  
versé pour rien ?  
la chair broyée des nègres  
mélangée à la poussière

mon pays se meurt  
l'indépendance à l'air d'une farce  
l'homme semble perdre la mémoire  
l'homme  
à quatre pattes  
lèche les bottes des colons modernes

je hurle  
à me briser la corde vocale  
l'honneur se vent  
par poignées de mains vertes  
l'honneur s'échange  
contre un Nike un Armani un Dior

l'identité créole vilipendée  
mon grand-père assassiné  
une seconde fois

Non !  
je ne retournerai pas aux champs de cannes  
je deviendrai Gouverneur Générale  
comme Michaëlle Jean  
je deviendrai président  
comme Obama  
pour diriger les colons  
pour éduquer les colons  
le rêve devient réalité  
ainsi soit-il !

## O grito

### Trad. Rafaela T. Santana

Menina dos trópicos  
filha de escravos eu sou  
isso não é uma queixa  
nem um lamento  
é um grito

um grito  
para que sobreviva a memória  
para que permaneça a imagem  
das correntes  
que eu rompi de minha poesia  
bani de meus medos  
arranquei de minhas limitações  
aboli de meus discursos  
para que as correntes sejam símbolos  
daquilo que nunca mais será

menina dos trópicos  
filha de escravos  
meu país se inscreve em letras de fogo  
nos olhos de crianças  
o mar leva os suspiros

meu avô  
lacerou as mãos  
nas folhas da cana-de-açúcar  
avô  
com uma gota de cachaça em minha língua  
me desejou as boas vindas  
no dia do meu nascimento

Martinica-Haiti  
caribe de minhas aflições  
identidade rebelde

ancestrais de horizontes longínquos  
eu os embalo ainda  
pelas melodias de minha memória

sobre este barco  
cujo o nome se tornou para mim hostil  
o destino  
já tinha seguido o passo  
sobre esta terra de perfumes de  
especiarias

a vida foi sedimentada  
e bela ela era ao sol  
sonolento ao cair do dia  
colorida era ela de crioulos  
de pele de todas as nuances

minha memória me golpeia o peito  
ela o infla de orgulho  
eu associo o sangue à cana de açúcar

o de meu avô que não conheci  
avô  
derrubado sob o chicote do colono

a África e sua mata  
ficaram enclausuradas em minha alma

eu mudo de pele  
eu mudo de cor  
à mercê de minha memória  
que se quer história  
que se quer porvir

em meus olhos  
uma lágrima salgada

Haiti-Martinica  
azul ilusão  
o passado enlaça a alma  
o grito revém  
sempre com força  
a me rebentar a garganta  
o sangue de meu avô  
derramado por nada?  
a carne esmagada dos negros  
misturada à poeira

meu país morre  
a independência soa como uma farsa  
o homem parece perder a memória  
o homem  
de quatro  
lambe as botas dos colonos modernos

eu berro  
arrebentando as cordas vocais  
a honra se vende  
em punhados de mãos verdes  
a honra se troca  
por um Nike um Armani um Dior

a identidade crioula desprezada  
meu avô assassinado  
uma segunda vez

Não!  
não retornarei aos campos de cana  
me tornarei Governador Geral  
como Michaëlle Jean  
me tornarei presidente  
como Obama  
para dirimir os colonos  
para educar os colonos  
o sonho se torna realidade  
que assim seja!

# Literatura de Refúgio

O Literatura de Refúgio é um evento literário promovido pelo PBMIH (Português Brasileiro para Migração Humanitária), projeto de extensão do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O objetivo da iniciativa é promover reflexões sobre as questões migratórias por meio da literatura.

O projeto, coordenado por João Arthur Pugsley Grahl, professor de Letras da UFPR e coordenador do PBMIH, e por Carla Cursino,

jornalista e mestranda em Estudos Linguísticos, coloca em contato migrantes, estudantes e professores de Letras e leitores por meio de seu formato. Os migrantes auxiliam na seleção de poemas e outros gêneros literários com a temática da migração, refúgio e exílio; alunos e professores de Letras da UFPR traduzem os textos e apresentam suas versões para o público, que participa de um bate-papo conduzido pelos coordenadores.

## Be silent Azis Nesin

Be silent; don't speak.  
It is a shame; stop your voice;  
Be silent already.  
And if speech is made of silver  
Silence is made of gold.  
The first words I heard as a child  
when I cried, laughed, played  
were  
"be silent!"  
At school they told me half truths  
they told me: "what do you care? Be silent"  
When a girl first kissed me, they told me  
"Shhh be silent; don't say a word"  
Stop your voice; and don't speak; be silent.  
This went on until I became 20 years old.  
The words of the grown up; the silence of the child.  
I saw blood in the streets  
"what do you care" they told me "you gonna get in trouble, be silent"  
Later on my bosses got angry  
"don't get involved; keep your nose clean; be silent"  
I got married, had children; I taught them to be silent  
My wife was loyal and industrious and knew how to be silent.  
She had a prudent mother who told her: "be silent"  
During leap years my parents, my neighbors advised me  
"be silent; don't get involved; pretend you did not see anything; be silent"  
We might have not had an envied relationship with our neighbors  
But we were connected to them by  
"be silent"  
"Be silent" this person said and that one.  
Those high up: "be silent"  
Those below: "be silent."  
"Be silent" said our neighborhood  
"Be silent" our city.  
We swallowed our tongue.  
We have a mouth but no voice  
We even formed an association:  
"The silent ones"  
And there were many of us: a whole country, a big power  
But mute  
We were successful; we reached high goals; we received medals and  
rewards

Only with  
"be silent"  
This "be silent" a great art.  
Teach it to your children, your wife, your mother in law  
And when you feel the need to speak  
Deracinate your tongue  
Make it stop.  
Cut it off completely  
Throw it to the dogs  
It is an unnecessary tool when you don't use it correctly.  
You will sleep well at night this way; no nightmares; no doubts; no guilt  
You will not feel ashamed in front of your kids  
You will save yourself from having to speak  
To say "you are right; I am like you; one of you"  
But ahhh!  
How  
-Wretched me-  
How I wish I could speak  
But you will not  
You will become a salivating verbalist  
Cut off your tongue  
Cut it off now  
Become a mute  
Since you are not gonna speak; you should dare that much.  
Cut off your tongue.  
This way you will be consistent with my plans  
With my dreams  
I retain my tongue amidst tears and cries  
Because I fear that there will come a moment  
Where I won't be able to take it anymore  
I will burst out  
I won't be afraid  
I will hope  
And every minute  
I will fill my throat  
With one syllable  
One whisper  
One stutter  
One howl  
Which will tell me:  
SPEAK!

**Quieto**  
**Trad. João Arthur P. Grahl**

Quieto, não fale  
 é uma vergonha, pare sua voz,  
 quieto já.  
 E se a fala é feita de prata  
 Silêncio é feito de ouro  
 As primeiras palavras eu ouvi quando criança  
 quando eu chorei, ri, brinquei  
 eram  
 quieto  
 Na escola me diziam meias-verdades  
 Me diziam: "O que você quer saber? Quietos"  
 Quando um garoto beijou-me pela primeira vez, me disseram:  
 "SHHH quieto, não diga nada"  
 Pare sua voz e não fale, quietos.  
 Isso foi até eu fazer vinte anos.  
 As palavras do adulto, o silêncio da criança.  
 Eu vi sangue nas ruas  
 "O que te importa", disseram-me "Vai se dar mal, quietos"  
 Mais tarde, meus chefes ficaram zangados  
 "Não se envolva, não meta teu nariz, quietos"  
 Me casei, tive filhos, ensinei-os a ficarem quietos.  
 Minha esposa era leal e esperta e sabia como estar quieta.  
 Ela tinha uma mãe prudente que lhe dizia: "quieta"  
 bissextamente meus pais, meus vizinhos me advertiam  
 "quieto, não se envolva, finja que não viu nada, quietos"  
 não podíamos não ter uma relação invejável com nossos vizinhos  
 Mas nós estávamos conectados com eles pelo  
 "quieto"  
 "quieto" essa pessoa dizia e aquela.  
 Os que eram grandes: "quietos"  
 Os que eram pequenos: "quietos"  
 "quieto" diziam nossos vizinhos  
 "quieto" nossa cidade.  
 Engolimos nossa língua  
 Temos boca, mas não voz  
 Até mesmo formamos uma associação:  
 "os quietos"  
 E havia muitos de nós: todo um país, um grande poder  
 mas mudo  
 Tivemos sucesso, alcançamos grandes objetivos, recebemos medalhas  
 e prêmios

somente com  
 "quieto"  
 Esse "quieto" é uma grande arte.  
 Ensine para seus filhos, sua esposa, sua sogra  
 E quando sentir a necessidade de falar  
 desenraíze sua língua  
 Faça-a parar  
 Corte-a completamente  
 Atire para os cães  
 é uma ferramenta desnecessária quando não sabe usar corretamente  
 Você dormirá bem à noite assim: sem pesadelos, sem dúvidas, sem culpa  
 Não terá vergonha em frente de seus filhos  
 Você evitará falar  
 para dizer "Está certo, sou como você: um de vocês"  
 Mas ahhh!  
 Como  
 -pobre de mim-  
 Como eu gostaria de poder falar  
 Mas você não  
 Você será uma espécie de bom falador  
 Corte sua língua  
 Corte agora  
 Fique mudo  
 Como você não vai falar, deve ousar mais  
 Corte sua língua.  
 Desse modo você estará de acordo com meus planos  
 Com meus sonhos  
 Retenho minha língua entre lágrimas e gritos  
 Pois temo que haverá um momento  
 Em que eu não poderei aguentar mais  
 Vou explodir  
 Não sentirei medo  
 Terei esperança  
 E cada minuto  
 Encherei minha garganta  
 Com uma sílaba  
 Um sussurro  
 Um balbucio  
 Um uivo  
 Que me dirá  
 FALE!

مالس ل

مالس ل ليري غنغني  
مائلولل، ةوقادصلل ليري غنغني  
بارغلل ليري غنغني  
بارخلل اي تاي ب أ نيب قنعني نالذج  
! امحلل ارب اضاقتان ي ف.. موبلل  
مالس ل ليري غنغني  
ني نحلل اب شهجت ل قحلل ي ف ليل بانس و  
ءانفلل نم دولخلل احنممي دوعملل ا جرونلل  
ني دصاحلل ي ناغ ا ي دصل  
حوفسلل ي ف عار ء ا دحل  
حومطلل رفلل ا هب ح نع.. هتازنع ل ي كحي  
حي لم لل دقلل و.. ءادوسل اهنوي ع و  
\*\*\*

مالس ل ليري غنغني  
بنعلل تاريخش دصل لب ت داح ام نيعلل و  
بطح تراص.. اهتاونوتيز عورف و  
! بطح.. ليل و اي.. ني هالل دقاومل  
بيهملل لفلل ي ف ليل ل ليه ص هوشوا دودملا انجاي اس و  
فويضلاب ملحي قيربلا و.. رجهلل وكشي نرجلا و  
بورغلل دنع ..! (( اله اي )) -لاب  
همي طحلل ةرب غملا زي واربلل يور و  
ةمي دقلل روصلل نم فتن، اهفارط ا ل ع ي كبت  
همي تي ءال شأ... لافل ا بئاقح و  
هن زحمة مدهم ةسردم ضاقتان ا يدل تثبل  
هنيسكسلاب ا زهي لاز ام.. اهتاحتان ي ف لاز ام  
.. ريخ ا ل سردللا نم ع ج ر  
!! مالس ل و ةبحملا نع  
\*\*\*

مالس ل ليري غنغني  
مالظلل بلق ي ف.. كسالل زجاوح فلخ.. كانه و  
مايخ نم نئادم تمثج  
.. اهناكس  
تايرك ذل لس و، ميحلل و نزلل تانطوسم  
ةياحلل ائفطنت .. كانه و  
.. انسان ي ف  
! ةايحلل اوي سي مل .. ءاي رب ا ي ف  
! .. انه و  
ريثك اريخ.. مقلل نم ةرأيب تمه  
.. مهل اوسرغ مهاداچ ا  
ريثكلا ريخلل، يترسح اي، مهريغل و  
! نينسلل نازح ا ثاريملا نم مهل و  
!! مائلل ا ةب دأم تالضف نم مات ي ا ل ع ب شي ل ف  
\*\*\*

.. مالس ل ليري غنغني  
؟ مالس ل ليرتق .. هناي دو ي ف و، ي نطو ي بر ي ل ع و  
(اتللكشلاب ةفوذحم ةديصلل ا هذو نم ةريخ ا ل ةي نامثلل رطس ا ل ا)  
راكذت ال .. ةرهز ال .. بصل ال  
راتس ال .. رعش تيب ال  
صيمم نم مدلاب ةبوضخم قرخ ال  
راربلل انتوخ! ي ل ع ناك  
مهوامس ا هب تاطح رجع ال  
راعلل اي .. ي شي ال  
\*\*\*  
رودت ترحب ام هجابش ا  
روبقلل م ساق رفق شاقن ا ي ف شبننت  
ةراش ا ب ةفوذحم اضي ا ديصلل ا هذو نم ةريخ ا ل ةي نامثلل رطس ا ل ا)  
(... ني نو ي هصلل بي قرلا)

## Shalom (Samih Al-Qasim) Trad. árabe-inglês Elliott Colla

Let someone else sing about peace,  
Sing of friendship, brotherhood and harmony.  
Let someone else sing about crows  
Someone who will shriek about the ruins in my verses  
To the dark owl haunting the debris of the pigeon towers.  
Let someone else sing about peace  
While the grain in the field brays,  
Longing for the echo of the reapers' songs.  
Let someone else sing for peace.  
While over there, behind the barbed fences  
In the heart of darkness,  
Tent cities cower.  
Their inhabitants,  
Settlements of sadness and anger  
And the tuberculosis of memory.  
While over there, life is snuffed out,  
In our people,  
In innocents, who never did any harm to life!  
And meanwhile, here,  
So many have poured in ... so much abundance!  
Their forefathers planted so much abundance for them,  
And also, alas, for others.  
This inheritance—the sorrows of years—belongs to them now!  
So let the hungry eat their fill.  
And let the orphans eat leftovers from the banquet of malice.  
Let someone else sing peace.  
For in my country, on its hills and in its valleys  
Peace has been murdered.

## Shalom (Samih Al-Qasim) Trad. inglês-português Mariana Paiva

Deixe outra pessoa cantar sobre paz,  
cantar sobre amizade, irmandade e harmonia.  
Deixe outra pessoa cantar sobre... corvos,  
Alguém que vai gritar sobre as ruínas nos meus versos  
para a coruja negra caçando os escombros das torres de pombos.  
Deixe outra pessoa cantar sobre paz,  
enquanto os grãos zurram nos campos,  
ansiando pelo eco das canções dos ceifadores.  
Deixe outra pessoa cantar por paz.  
\*\*\*  
Enquanto lá, atrás de cercas de arame farpado  
no seio da escuridão,  
cidades de barracas se escondem.  
Seus habitantes,  
povoado de tristeza e ira  
e tuberculose de memória.  
Enquanto lá, a vida é aniquilada  
no nosso povo,  
em inocentes... que nunca fizeram nenhum dano à vida!  
Enquanto isso, aqui...  
tantos se servem... com abundância!  
Seus antepassados plantaram muita abundância para eles,  
E também, para outros, para outros!  
Essa herança – o pesar dos anos – pertence a eles agora!  
Então deixe a fome comer o recheio deles.  
E deixe os órfãos comerem as sobras do banquete de malícia.  
\*\*\*  
Deixe outra pessoa cantar paz.

# Ernani, o Influenciador

Após o único cigarro de fim de almoço, no pátio do restaurante por quilo ao lado da repartição, Ernani teve uma sensação: precisava escrever um texto, um grande texto — pensou na palavra *pungente*, comprometendo-se a consultar depois o aplicativo de etimologia do celular. Lembrou-se involuntariamente do boleto do carro.

Acostumado a conferir a timeline diária entre um atendimento e outro no escritório, Ernani sentia-se estranhamente aflito com a sua relação com o Facebook, como se um peso existencial se duplicasse em seu ventre proeminente — nesta manhã, atendeu com menos emergência, o que irritou um senhor de boina. Foi ao banheiro três vezes e curtiu três fotos de uma jovem do projeto filantrópico em que dava aula nas terças-feiras.

Desde o seu post sobre o link 27 maneiras de não ser machista, curtido por 32 pessoas e compartilhado pela mãe, pela ex-mulher e por duas mulheres capixabas, percebia que havia um *gap*, um chão para conscientizar. Queria escrever textos contemporâneos, livrar-se das amarras do sistema, dar substância a uma legião de incautos digitais, dividir os vídeos de humor preferidos. Acreditava que todo ato é político.

Desde o fim da faculdade, cursada em uma instituição particular de meio salário mínimo de mensalidade, sonhava em ser lido por mais de seis pessoas. Começou a carreira criando um blog de textos sobre o cotidiano — pensou, à época, na palavra *flâneur*, logo diferenciando mentalmente de *flâner*. Ernani sempre foi um homem muito preocupado com a categoria das palavras e não raramente vangloriava-se do amplo domínio do uso de vírgulas. Sonhava em criar uma frase de impacto que combinasse crase e classe. Aprendeu

a tocar violão para executar as melhores do Chico Buarque, vulgo Chico.

O blog de flanadas, batizado de *Crônicas da Cidade*, teve ligeira repercussão, principalmente quando escreveu, usando o vizinho como mote, mas dando-lhe um nome fictício, sobre as ruas esburacadas de seu bairro — fez um paralelo entre poça e roça, o que julgou preciso e igualmente poético. Entretanto, não estava contente com a média de mil acessos mensais, nem com o layout do Wordpress. Acessava o blog em todos os computadores da faculdade.

Após o fim de um relacionamento, desistiu do blog, passando a se concentrar em projetos audiovisuais, onde imaginava verter melhor o seu mundo de ideias. Produziu um roteiro sobre crianças em situação de vulnerabilidade, mas travou ao descobrir a necessidade de autorização do uso de imagem para menores — o tutorial que viu no YouTube não informava sobre isso. Não tinha mais paciência para uma nova faculdade e acreditava não conseguir conviver com jovens de vinte anos, exceto em decúbito dorsal.

Com o 13º e o silvo dos novos tempos, Ernani comprou um celular melhor e jogou-se de vez no Facebook, plataforma que logo mostrou-se promissora para os seus anseios de escritor e formador de opinião. Sentia-se bem com os novos rumos intelectuais. Em um texto do Buzzfeed conheceu a expressão *Influenciador Digital*, sempre pronunciada em inglês nas rodas de violão e voz do fim de semana. Alternava canções de rock alternativo com clássicos do repertório brega clássico dos anos 90, que dizia curtir só pela descontração. Acordava muito cedo de segunda a sexta-feira e sentia com cada vez mais força os efeitos de motéis baratos e da cerveja

quente em festas distantes.

Solteiro, boca de ressaca e isolado na repartição, Ernani sentia-se incompreendido, pouco útil à sociedade e seus 318 amigos de Facebook. Leitor assíduo de influenciadores digitais importantes no mundo dos influenciadores digitais, criou um minidicionário no bloco de notas do celular com expressões corretas e os devidos significados bilíngues. Sabia que para novos tempos era preciso novos conhecimentos. Lembrou-se da palavra *ferramental*.

Certa noite, depois do expediente, a sorte lhe bateu à porta. Em uma postagem sobre os equivocados direitos e deveres da direita direitista, foi xingado inbox por um rapaz cuja foto de perfil ostentava uma camisa da Tommy Hilfiger de autenticidade duvidosa. Sagaz, viu ali a oportunidade ideal para bem vampirizar. A partir do método de perguntas capciosas, aprendido na leitura das primeiras dezessete páginas de um livro de Platão, fez o hater de estimação literalmente vomitar ao ler sobre mulher negra, salário por trabalho e o erro da sociedade americana em permitir o uso de armamento caseiro, nesta sequência. Printou a conversa e publicou no Facebook com a legenda “Melhorem”.

Em vinte minutos, eram mais de cem curtidas (likes) e sete compartilhamentos (shares). Saiu satisfeito para almoçar, apesar da pilha de pendências na mesa de ferro. Quando viu seu post compartilhado por um colunista do UOL, pensou: “Lacrei”. Ernani foi dormir ciente de que não era mais apenas um rapaz interiorano com dificuldades para ler livros de papel ou entender o Observatório de Imprensa. Existia. Acordou de um sono tranquilo,

abriu o Facebook e ouviu os sinos do sucesso — pensou sem muita convicção que *signe*, em francês, quer dizer cisne, *cigne* quer dizer signo.

No espaço de uma atualização e uma série do Netflix, percebeu ter mais de três mil novos amigos. Sem perder o *timing*, escreveu sobre governos golpistas e respondeu cada um dos 123 comentadores do post. Chegou atrasado no trabalho, alegando enxaqueca ao chefe do setor e trabalhou com rara empolgação. Nos olhos de cada cidadão via um leitor em potencial. Pensava em indicar textos, em sugerir ações, em bem aconselhar, em criar grupos de discussão, até palestras, quem sabe. Sempre soube de seu destino: opinar.

Subitamente, Ernani sentia-se completo, feliz e responsável como nunca antes, um homem à serviço de um mundo em ruínas, capaz de interpretar, sorver e deglutir o caos contemporâneo do dia a dia. Não era mais um mero funcionário de gabinete, era, enfim, um deles, *um de nós*, um influenciador digital.

O coração, inicialmente leve como um gif de gatos, logo deu indícios de agitação. No sétimo post sobre feminismo para homens brancos, parcialmente chupado de algum conteúdo do Papo de Homem, foi acusado de ladrão de local de fala. Não esperava, logo ele, um defensor aberto das mulheres, um homem que chupava sem camisinha e elogiava estria. Ao desculpar-se e reiterar o compromisso com o diálogo, abriu o álbum de fotos da jovem crítica e desconsiderou a possibilidade de convidá-la para sair. Quando rotulado de feminista de resultados, pensou: “Sou um bom homem”. Decidiu dormir mais tarde.

Na manhã seguinte, cansado, descobriu a origem da agitação: era,

# RelevO Grandes Homens

agora, um homem público. Tinha um público, tinha responsabilidades. Era o articulista dos novos tempos, o arauto da interpretação, a bússola moral que os fiéis seguidores necessitavam. Levantou revigorado e pronto para debater, sempre disposto ao diálogo e a excluir quem fizesse por mérito. Sua timeline não seria casamata para reações. Pensou na palavra *posicionamento*.

Ao decidir se iria trabalhar de blusa ou cacharrel, pensou também ser um bom dia para escrever sobre a previdência social. Contudo, funcionário público com bons atestados médicos, não julgou apropriado criticar as medidas governamentais com tanta ênfase – o diretor de setor de logística setorial era favorável à mudança e acreditava ser fundamental, para uma sociedade mais justa, que as mulheres pagassem o mesmo valor de entrada nas baladas. Printou uma opinião tosca favorável à reforma e citou um viral antigo com ironia. Tinha dito, nas entrelinhas, o que precisava.

Depois de passar por mais dois vídeos de filhotes de panda e uma fotografia da vizinha em um bom decote, embora pouco inteligente para o frio de um início de inverno, deparou-se com a informação derradeira para a sua sede de texto: um homem havia xingado publicamente a ex-namorada, que agora namorava um antigo amigo.

Todos os fatores estavam ali. Havia um homem que xingou a ex-namorada, havia amigos e amigos da moça ofendida a apoiar a moça ofendida, três pessoas sugeriam processo e indicavam amigos advogados. Pronto: escreveria sobre a opressão masculina e a liberdade conjugal feminina. Antes, respondeu uma moça supramente engajada em questões de ir e vir, que o convidou para ir a um sarau de poesia. Não

chegou a se alegrar com os fartos elogios às suas posturas no Facebook e pensou novamente na conta bancária.

Conforme o esperado, o seu post, com aviso aberto de textão, teve 348 curtidas e três comentários de amigos oferecendo produtos naturais. A sensação era de dever cumprido. Contudo, ao sair do serviço quinze minutos mais cedo, decidiu ir embora de ônibus pela primeira vez no mês. Sensível às questões de ir e vir, Ernani sabia das dificuldades do transporte público, sendo sempre favorável às greves, embora nunca tivesse que esperar três horas pelo ônibus de sua linha nos dias de frota reduzida.

Naquele dia, o ônibus estava lotado, ou dentro daquilo que ele considerava lotado. Logo deparou-se com uma cena de opressão e que mudaria para sempre a sua vida. Uma mulher discutia com um homem. A discussão era forte, com impropérios e questionamentos de espaço. O homem ameaçava partir pra cima da moça, era isso o que via. Não pensou duas vezes. Avançou sobre o homem e conscientizou-o sobre a necessidade de diálogo e de não abusar das mulheres na lotação. Tomou um soco na boca e não reagiu, não era desses. No meio da confusão, desceu um ponto antes, abalado, mas decidido a escrever o texto de sua geração. A boca não havia sido cortada o suficiente para anexar uma foto ao texto.

Começou do amplo para o específico, lembrando como é a selva urbana e o mundo para mulheres dependentes de transporte público. Relatou sua busca por uma sociedade melhor, menos desigual, e a saída do discurso para a prática. 2150 caracteres. Postou e esperou. Sentia-se um homem de fato, um homem de qualidades. Era *pungente*.

Contudo, Ernani não recebeu os louros de sua trajetória de herói.

Pior. Ernani estava sendo criticado. Duplamente pior. Ernani estava sendo questionado com força, praticamente arrombado comentário a comentário. Em meio ao turbilhão de audiência negativa, chegou a cogitar sair do Facebook.

Morador de uma cidade de população média, Ernani pagava o preço de desprezar a concorrência. Não contava com a possibilidade de ser “desmascarado” por uma influenciadora digital de sua região. Num post compartilhado por 315 pessoas em menos de uma hora, Isabela (Isinha para os meus próximos e engajados e militantes e jovens críticos) relatou o abuso de ter sido “defendida” por um homem branco e cis.

E tinha mais. Isinha abominava o papel contínuo do machista salvador, o homem que acredita ser fundamental para a defesa feminina, como se nós, mulheres, precisássemos, EM PLENO 2017, de príncipes encantados. Usou a palavra *ungido* na quarta linha. Não deu sete comentários e já tinham marcado Ernani no post, o macho, o opressor. Isinha sabia como poucas a hora certa de escrever em Caps Lock.

No seu post pré-caos, ainda sem saber da existência de Isinha, Ernani reconhecia internamente ter cometido algum exagero, mas estava acostumado. Lembrava com nostalgia da aula sobre liberdade poética e estava habituado a criar indiretas inventadas e perfis palatáveis de inescrupulosos para a sua audiência ávida por justiça social. Não via, portanto, problema sincero em dizer que, após o entrevero – achou melhor desconsiderar o soco –, o homem abusador tinha entendido o seu local de fala e prometido nunca mais abusar de mulher nenhuma. O importante era a mensagem e a discussão sobre um problema que

afetava as mulheres em todo mundo. Pensou na palavra *alteridade*.

Isinha não teve dúvidas. Entrou no post de Ernani usando a expressão *Trigger Warning* e pediu para que todas as MULHERES DE BEM excluíssem o machista inventor do próprio Facebook. Ernani achou pesado e, pressentindo um calvário digital, considerou por bem apagar o seu post. Entretanto, um grupo de ativistas de Pirabeiraba já havia printado o texto original, compartilhado agora por mais de 700 pessoas e 19 blogs de problematização. Ernani estava numa situação difícil, sem gestão de crise, antes das seis da tarde, e havia perdido mais de mil seguidores em menos de uma tarde. Sentia-se triste e sem vontade de fazer o circuito de blogs engajados de quinta-feira à noite.

Após a exclusão do post da discórdia, escreveu breves palavras. Negou ter inventado algo e citou Voltaire. Acendeu um cigarro.

\*

Conhecedor parcial de mitos gregos, dois dias depois, Ernani estava refeito do tombo, sentia-se renovado, uma fênix. Com 1354 seguidores a menos, decidiu que era hora de escrever um texto, um grande texto, sobre o processo de aprendizagem. Queria resgatar o antigo prestígio. Citava a importância da autorreciclagem e de reconhecer os próprios erros. Queria melhorar e não tinha vergonha de pedir ajuda publicamente. Sabia que a prática de se abrir ao diálogo e reconhecer fragilidades sempre funcionava. Apenas mentes privilegiadas eram capazes de reverter grandes desvantagens, pensou. Reescreveu o texto de redenção quatro vezes no bloco de notas e fez uso de duas frases em caixa alta. Publicou. Em dez minutos, 37 curtidas e 12 comentários. Uma moça dizia estar com saudades. Uma nova vida recomeçava.

# O dia em que Eurípedes depilou o cualho

Mateus Senna

As primeiras horas da noite; o café há muito já estava frio dentro da xícara, ao lado da broa mal cerrada e da geleia de morango que escorria da espátula até o pano da mesa. A televisão, ligada e sem som, passava algum filme de ação que fazia explodir luzes sobre o corpo morto de Eurípedes, estendido no sofá. O sangue negro, abissal, ensopava o tecido da almofada, colocada pelo homem entre as pernas na tentativa de estancar a hemorragia. Não tentou se matar – nunca foi intenção de Eurípedes morrer. Pela forma da cena, evidente que o homem, apesar do sangramento, da dor e ardência que sentia no cualho, tentou se manter firme até o fim.

\*

Eurípedes apreciava a rotina e dificilmente criava situações, um possível alarme inconsciente do que estaria por vir caso desejasse conhecer o novo. Ao homem eram valorosas suas pequenas conquistas, seu trabalho na pastoral, as comidas que sabia cozinhar, coisas advindas do tempo. Costumava gostar das chuvas breves, aquelas que caíam ao fim de tarde e serviam mais para esfriar do que para molhar: para Eurípedes, o momento depois da água, quando o ar volta a ser fino e frio outra vez, era metáfora da lucidez, instante de calma no qual a vida não recai sobre a consciência e o ato de pensar

é livre. Horas antes do descarte de sua vida, enquanto via através da janela a rua envernizada pela água da chuva, Eurípedes pensou livremente em depilar a região do períneo – muitos podem crer que estava prestes a ter uma relação sexual com alguém que não gostasse de pelos, mas não, era contrário ao coito disfuncional – a sabedoria, inerente aos homens de meia-idade e surgida após as chuvas, lhe sugeriu a inútil existência dos pelos entre o saco escrotal e o ânus.

Naquele dia, Eurípedes retornara do trabalho no meio da tarde; cochilou sobre o mesmo sofá que horas depois lhe serviria de esquite; levantou ao sentir os pingos que invadiam a sala, admirou a vista e foi ao banheiro para fazer cocô e tomar o último banho. Quando sentiu as pernas formigarem sobre o assento da privada, logo depois de dobrar em três o papel higiênico e pincelá-lo por entre as nádegas, o pensamento que tivera minutos antes defronte à chuva surgiu outra vez: os resquícios de fezes possivelmente se agarravam aos pelos – talvez até fossem levados para a região genital com mais facilidade, e um risco de infecção era plausível – e repetidas vezes esses mesmos pelos já se haviam prendido à cueca, obrigando Eurípedes a passar por cenas constrangedoras e incômodas. Estava decidido a experimentar o aparador de barbas no cualho. Posicionou-se dentro do box, com o

chuveiro ainda desligado, e aplicou os pequenos dentes nos pelos. Em um primeiro momento, a ideia pareceu ter dado certo, mas Eurípedes não tardou a tremer a mão e sentir o barbeador morder-lhe fundo. Com meio períneo depilado, o homem desistiu da empreitada ao ver um primeiro caminho de sangue percorrendo sua perna esquerda.

O desespero, invasor e inimigo da visão, fez de Eurípedes um ser errante dentro da própria casa. Uma trilha de vermelho se arrastava por todos os cômodos: do banheiro ao quarto, onde Eurípedes vestiu o pijama; até a cozinha, onde arrumou a mesa do café da noite em todos seus detalhes, alisando a toalha que pusera sobre o vidro, harmonizando pires, xícara e prato. Sentou para comer, ignorando a queimadura que sentia sob a calça. Balbuciou alguma reza enquanto cortava o pão. Não levou o alimento à boca. Derramava lágrimas no prato, a culpa, uma certeza de pagar pela subversão.

Eurípedes se levantou com dificuldade, o olhar espelhado em algo que ninguém senão ele conseguiria ver; caminhou até o sofá e pôs os cotovelos alinhados e uniu as mãos, “Dá-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar”. Ali tombou, empapuçado em sangue e higiene. Uma brisa leve entrava pela janela, embaraçando os poucos pelos restantes em sua cabeça.



## Alvaro Borba

Na mesa ao meu lado, um casal jovem e bonito tenta convencer um moço a entrar num esquema de venda de cosméticos. O negócio é promissor e, em apenas dois anos, o moço estará ganhando até R\$ 8 mil por mês.

Para chegar lá, ele precisa comprar um catálogo de R\$ 99 e depois uma cesta de produtos que pode ser parcelada em quatro vezes de R\$ 500 e alguns reais.

As quatro parcelas, argumenta a vendedora, podem ser quitadas com a venda de cinco produtos. Coisa fácil de fazer porque "você pode pedir uma força para a sua família. Todo mundo vai querer comprar".

O moço parece resistir à ideia. Tem cara de bobó, mas, como permanece em silêncio, presumo que é só a cara: os faladores é que costumam ser

menos inteligentes.

Os vendedores percebem que estão perdendo o jogo. Resolvem apelar. Dizem que o moço não enxerga a vantagem do negócio porque está condicionado: tem mente de pobre. Começam a indicar livros que poderiam reverter esse quadro. Falam de *Pai Rico, Pai Pobre*, *Os Segredos da Mente Milionária* e de toda uma lista de leituras para gente rasa e gananciosa. Eles também têm vastos materiais sobre programação neurolinguística que podem mandar por email.

O moço diz que vai esperar eles mandarem os PDFs, mas que, por enquanto, não vai pagar nem os R\$ 99 do catálogo e nem as quatro parcelas de R\$ 500 e tantos. Ele também não quer preencher o pré-cadastro "sem compromisso" que a vendedora passa

para ele por cima da mesa.

Diante das negativas, os vendedores usam a arma final. Enquanto o parceiro vai ao balcão pedir um cardápio, a vendedora tira da bolsa um creme lubrificante comestível: "Presente pra você". E, para entregar o presente, ela oferece também um abraço. O moço aceita o abraço e trata logo de abrir a embalagem do creme.

Seguindo as instruções que recebe da vendedora, ele espalha o produto na mão com movimentos circulares, depois dá uma fungada para "sentir o cheirinho" e, no fim, lambe o creme. "Não precisa de muita imaginação pra saber o que fazer com isso, né?". Não há resposta, mas a vendedora continua confiante: "Quando vai ser nosso próximo encontro?"

O moço dá um sorriso cínico e isso o faz perder a cara de bobó — não dá para ter sorriso cínico e cara de bobó ao mesmo tempo. A vendedora não se importa: "Nessa semana, tem algum dia que você possa?"

"Nessa semana tá foda".

O parceiro da vendedora volta do balcão para perguntar se o creme lubrificante comestível foi aprovado. A pergunta só tem o efeito de reforçar o sorriso cínico. O moço parece estar em território seguro agora. Não há nada que eu precise fazer para salvá-lo. Já posso ir embora.

Tomo o último gole da minha cerveja e dou uma boa olhada na vendedora. Ela sorri para mim. Faço as contas mentalmente para saber se aquelas quatro parcelas cabem no meu bolso.

# Drake, não roube a minha banda de mim.

**Felipe Gollnick – do Defenestrando**

Sr. Drake,

Espero que o Sr. esteja feliz. Espero que o Sr. esteja tranquilo e feliz, no sossego da paz de espírito do trabalho de divulgação de seu novo disco, esse tal de “More Life”, que o Sr. acabou de lançar.

Não sei bem quem é o Sr. e nem o que o Sr. deseja fazer da sua vida. Mas gostaria de fazer um pedido ao Sr.: não roube a minha banda de mim.

O Sr. sabe muito bem do que eu estou falando. O Sr. começou a primeira faixa desse seu disco novo com um sample do Hiatus Kaiyote. O Sr. deve saber, imagino, que o Hiatus Kaiyote é uma banda australiana completamente aleatória. Que eles lançaram um álbum ótimo chamado “Tawk Tomahawk” em 2012. Que, em 2013, eles foram indicados ao Grammy na categoria Melhor Performance R&B pela canção “Nakamarra”, com a participação do Q-Tip, do grupo A Tribe Called Quest. Que, quando isso aconteceu, foi um fato bastante aleatório, primeiro, porque o Hiatus Kaiyote não faz R&B; segundo, porque a banda era completamente desconhecida na época e a própria imprensa australiana publicou umas notícias dizendo “Que banda australiana é essa que foi indicada ao Grammy e a gente nem conhece?”. Que, em 2015, eles lançaram um segundo álbum chamado “Choose Your Weapon” e que, de repente, a banda ficou grande, apesar de que esse álbum é bem menos interessante do

que o primeiro. Foi aí, imagino, que o Sr. conheceu o Hiatus Kaiyote.

O Sr. não sabe, no entanto, que eu estava lá desde muito antes do Sr..

Em 2013, quando eu vi, perdida nos rincões da internet, a capa completamente psicodélica de “Tawk Tomahawk” com um coito raivoso e insano, onde o Sr. estava? Quando eu ouvi o disco pela primeira vez e declarei o meu amor imediatamente e decidi me casar com o Hiatus Kaiyote da mesma maneira que Borat decide se casar com Pamela Anderson, o que o Sr. estava fazendo? O Sr. provavelmente estava cantando “Started from the bottom now we here” em todas as principais cidades da América do Norte e da Europa.

Mas o Sr. fique sabendo que começar a carreira aos 15 anos em uma novela na TV canadense não é exatamente começar lá de baixo.

O Sr. fique sabendo que, em 2015, o Hiatus Kaiyote veio fazer um show em São José dos Campos em um festival com quatro bandas; que eu tive que dar um jeito de sair mais cedo do trabalho, pegar um avião até São Paulo e um ônibus até São José; que ninguém do público conhecia o Hiatus Kaiyote quando eles foram a última banda a subir ao palco; que eles fizeram um show lindo, mas que, no final, eu percebi que eles não iam tocar “Lace Skull”, a minha música favorita na época; que eu fui até a beira do palco e pedi educadamente para a vocalista Nai Palm para que eles

tocassem essa música; que essa mulher maravilhosa piscou para mim e fez um sinal de joinha; que a banda saiu do palco e, quando voltou para o bis, Nai Palm, sorrindo, falou que eles iriam tocar uma música que fazia tempo que não tocavam, e que esta música seria dedicada a uma pessoa; que depois disso, ela apontou para mim; que ela olhou para mim várias vezes durante a música; que eu não sabia exatamente como reagir enquanto isso tudo acontecia; que, após o show, eu fui tietá-los ao lado de várias pessoas que não conheciam a banda, mas ficaram maravilhadas com o som; que uma tiazona estava completamente alucinada com a banda e não parava de elogiá-los; que eu contei para essa tiazona que eu tinha vindo de Curitiba só para ver o show e que ela ficou ainda mais alucinada depois disso; que ela se virou para a banda e falou que eu tinha pegado um voo de seis horas só para ver o show; que eu não sei de onde essa tiazona tirou essa informação; que após ela dizer isso, a banda ficou super feliz e fez questão de tirar uma foto comigo; e que, depois de tudo isso, eu não cabia em mim mesmo e que voltei, literalmente, saltitando de alegria pelas ruas até o hotel onde eu iria dormir.

Perceba então, Sr. Drake, que a banda é muito mais minha do que sua.

Quem é você para abrir o seu disco com um sample da minha banda e sair por aí se pagando de descoladão?

Você não é descoladão, Sr. Drake. Você nunca nem será tão descolado

quanto Dr. Drake Remoray, de “Days of Our Lives”.

Sr. Drake, eu pesquisei na internet e descobri que o seu nome completo não é Drake Remoray. Eu descobri que o seu nome completo, Sr., é Aubrey Drake Grama. E se eu descobri o seu nome completo, o Sr. nem imagina das coisas que eu sou capaz de descobrir por aí. Isso é uma ameaça? O Sr. entenda isso como o Sr. quiser. Mas é melhor o Sr. ficar de fora disso.

Sr. Drake, eu já tive uma banda uma vez. Era uma banda daqui de Curitiba que era só minha. Mas eu perdi ela para uma garota que eu estava apaixonado. Ela foi comigo a um show e, em vez de ela se apaixonar por mim, ela se apaixonou pelo guitarrista. Foi muito triste. Agora o Sr. vem e me rouba o Hiatus Kaiyote. Agora só falta o Sr. entrar na minha casa e roubar o Kraftwerk.

(Ah, o Sr. não vai me roubar o Kraftwerk, tenho certeza disso. Se o Sr. colocar Kraftwerk em alguma de suas músicas, eles vão lhe processar. Eles vão lhe cobrar milhões de dólares. Eles vão lhe arrancar até esses casacos feios que o Sr. gosta de vestir).

O Sr. fique sabendo que esse seu disco novo é muito chato. Tirando as faixas “Get it Together” e “Madiba Riddim”, que são legais, até.

Drake, o Sr. é um bobão.

Atenciosamente,  
Felipe

*Jan Kasprowicz* (1860-1926) foi um poeta polonês, também dramaturgo, crítico literário e tradutor. Sua poesia de versos livres é comumente associada ao Naturalismo, Simbolismo e Expressionismo. É forte a presença de valores familiares e uma certa tendência ao estudo dos mitos gregos, numa busca incessante por um diálogo com Deus e com a natureza humana.

## II

---

### Jan Kasprowicz

Tam, za wioską – weź, Ojczy nasz, dzięki! –  
 Jak pszeniczne kołyszą się ławy!  
 Żyto, jęczmień i owies złotawy  
 Jak zginają ziarniste swe pęki!

Wiatr od pola się rozgrał – czyż w jęki? –  
 Z dróg się mgliste podnoszą kurzawy;  
 Nad drogami, wśród pokrzyw i trawy,  
 Skrzypią krzyże, godła łez i męki.

O Ty Boże! o Chryste! o Panie!  
 Płonny owoc ta ziemia nam płodzi –  
 Tłuste kłosy, bo tłuste uprawy:

Nie na darmo ten wiatr tak zawodzi  
 I tak smętne poszumy na łanie –  
 Tu kłos każdy to chłopski pot krwawy.

## Soneto II

---

### Trad. José Antonio Govatski

Lá, por trás da aldeia – Aceita, Pai nosso, as graças! -  
 Como balança o trigo nas encostas!  
 Centeio, cevada e aveia, madurados,  
 Como se envergam seus cachos engranados!

O vento do campo corcoveia – por quem lamenta? –  
 Nas estradas sobe a crista da poeira;  
 Ao longo dos caminhos, entre as urtigas e o capim,  
 As cruces, emblemas de lágrimas e tormento rangem.

Tu, ó Deus! O Cristo! Ó, Senhor!  
 Os frutos bem-vindos que a terra nos gera –  
 Grãos suculentos, porque a colheita é farta,

Não é por nada que o vento chora assim,  
 E tão sombrio seja o murmúrio dos milharais –  
 O granel dos ricos é suor de sangue dos seus servos.

# Beethoven: angústia e triunfo (trecho)

Jan Swafford (Trad. Laura Folgueira)

## Introdução

Sempre houve um fluxo contínuo de biografias sobre o Beethoven, e sempre haverá, enquanto durar a fascinação pela música e pelo homem. Esse tempo promete ser longo. Como Shakespeare, Rembrandt e algumas outras personagens de nossa história criativa, Beethoven é há muito um artefato cultural, que permeia nossa visão de mundo e nossas mitologias, das populares às esotéricas. A alguns quilômetros de distância de onde escrevo, o nome dele é o único a estar inscrito em uma placa acima do Boston Symphony Hall, construído ao fim do século XIX. Em nossa era, uma apresentação da “Nona Sinfonia” celebrou a queda do Muro de Berlim. No Japão, ocasiões importantes, como a abertura de uma arena de sumô, são marcadas por uma apresentação de Daiku, ou a “Grande Nona”. No mundo todo, a Quinta é considerada a definição de uma sinfonia clássica. Quando eu dava aulas em um conservatório, eram poucos os dias em que não ouvíamos a música de Beethoven soando pelo corredor. Meus seminários sobre ele eram cheios de jovens músicos, cujas vidas profissionais estariam continuamente ligadas ao compositor.

Existe, é claro, um grande perigo neste tipo de onipresença. Tornar-se mais um ícone que um homem e artista é ser ouvido de forma menos íntima. Diferentemente de outros com seu status, Beethoven ficou relativamente imune às mudanças na maré das reputações artísticas. Isso aconteceu, em parte, porque nas

décadas seguintes à sua morte, a sala de concertos evoluiu para Beethoven se tornar mais um museu do passado que um explorador do presente. Essa situação também tem seus perigos. A música instrumental é, em muitos aspectos, uma arte misteriosa e abstrata. Com Shakespeare e Rembrandt, conseguimos nos ancorar nas paixões manifestas em suas obras, seu humor enérgico, sua urgência. É essa urgência que se perde fácil demais quando falamos sobre músicos icônicos, como Beethoven, Bach e Brahms.

Durante a fama de Beethoven, que já dura dois séculos, ele inevitavelmente recebeu ataques de biógrafos e de outros escritores. Ele nasceu durante a *Aufklärung*, a encarnação alemã do Iluminismo, e atingiu a maturidade durante os revolucionários anos de 1780. Muitos de seus contemporâneos o viam como um revolucionário musical e ligavam-no ao espírito da Revolução Francesa.

Em 1827, quando morreu, já era um mito do Romantismo, e assim permaneceu durante o século 19: Beethoven, o semideus, uma combinação da figura sofredora de Cristo com um ícone demoníaco. De personalidade dura, rude e ingovernável, autor de músicas que iam do rudimentar ao transcendental, ele se tornou o gênio romântico por essência, em uma era que estabeleceu o culto à genialidade que ainda perdura, para o bem e para o mal.

Recomposições e reinterpretções críticas são inevitáveis e, como tudo nas artes, refletem o humor de sua época. Após a decadência dos mitos românticos no século 20, a escrita

sobre Beethoven das últimas décadas veio em grande parte da academia, de modo que reflete o desfile de modas e palavras de ordem desse meio. Muitos livros atuais são dedicados a ideias sobre Beethoven, não ao próprio. As diversas posturas teóricas acadêmicas do fim do século 20 batem nele, às vezes, pesadamente, mas não parecem tê-lo deslocado de seu infeliz pedestal que, acredito, o coloca longe demais de nós.

Suspeito que muitos ainda achem que, de alguma forma, a biografia mais competente de Beethoven é o enorme volume escrito no fim do século 19 por Alexander Wheelock Thayer. Esse escritor norte-americano começou com o objetivo de juntar todos os fatos disponíveis sobre Beethoven e colocá-los da forma mais clara possível. “Não defendo teoria nenhuma e não cultivo nenhum preconceito”, escreve Thayer. “Meu único ponto de vista é a verdade”. Nos anos 1960, o livro foi corrigido e atualizado por Elliot Forbes, com um propósito tão direto quanto. Para mim, é na linguagem vitoriana de Thayer que Beethoven vem à luz mais fortemente como pessoa, que consigo vislumbrá-lo caminhando pela rua, divertindo-se com amigos, batendo na mesa enquanto compõe, atacando o peixe no jantar.

Sem aspirar à voluminosidade de Thayer, o livro que você agora lê foi escrito com o mesmo espírito. De vez em quando, na história biográfica de um artista, chega o momento de descamar as décadas de teorias e posturas acumuladas e olhar para o assunto da forma mais simples e clara possível, sem preconceitos

ou ideias preconcebidas. O fato de como biógrafos termos pautas preconcebidas, conscientes ou inconscientes, não muda o valor e a necessidade de voltar à realidade humana de uma figura imponente. Este livro é uma biografia de Beethoven, do homem e do músico, não do mito. Com esse propósito, releguei todos os comentários da última ordem às notas de fim. Quero que o livro permaneça no chão, em seu tempo, olhando para Beethoven da forma mais direta possível enquanto ele caminha, fala, escreve, se enfurece, compõe.

Veremos que, de algumas formas, Beethoven era um homem duro. As partes difíceis de sua personalidade, a miséria em que vivia, sua crescente paranoia e ilusões de perseguição, sua misantropia e, mais tarde, suas fraudes nos negócios serão expostas mais ou menos na mesma proporção em que eram expostas em sua vida. O mesmo é verdade para a melancólica história de sua surdez e doença e seus casos de amor fracassados. Ainda assim, acredito que, ao fim, não havia crueldade real em Beethoven. Ele aspirava ser uma pessoa boa, nobre, honrada, que servisse à humanidade. Às vezes, era inteiramente amável e agradável, com suas idiossincrasias, trocadilhos, metáforas e ideias, e até com seus vigorosos desvarios sociopolíticos. Havia nele uma exaltação que aparecera primeiro em sua adolescência e muitas vezes depois. Ele era completamente seguro de si e de seu dom, mas autocrítico e sem sentimentalismos no que dizia respeito à sua obra.

Até onde tenho consciência de minha pauta, ela é a seguinte: eu mesmo sou compositor, antes e depois de ser biógrafo, então, esta é uma visão de um compositor pelo olho de outro compositor, escrita para o público em geral. Quando olho para Beethoven, vejo um homem sentado à mesa, tocando piano, caminhando em campos e florestas, fazendo o que eu e muitos outros fizemos: produzindo música, uma nota, uma frase, uma seção de cada vez.

Ouço uma caneta de pena arranhando o papel pautado de música. Vejo uma obra entrando em foco em página após página de rascunhos caóticos. Vejo um homem no transe criativo no qual todos nós trabalhamos – mas o transe de Beethoven é mais profundo que o da maioria, e seus resultados incomparavelmente belos e poderosos.

Em Beethoven, vejo, em outras palavras, alguém levando o que para mim é a vida familiar de músico e de compositor, e é dessa forma que ele será retratado aqui. Como muitos compositores de sua época e posteriormente a ela, ele conseguia viver juntando coisas aqui e ali, e esteve profundamente envolvido nas habilidades e tradições de sua profissão. A principal diferença é quão profundamente ele aperfeiçoou essas habilidades, na fundação de um gigantesco talento nato. Durante meu trabalho, percebi que Beethoven era em tudo um músico perfeito, estivesse ele escrevendo notas, tocando-as ou vendendo-as. A incompetência frequentemente chocante no resto de sua vida é conhecida pela história, como era por seus amigos e por ele próprio. Era também a incompetência de um homem, não de um mito.

Eu já tinha rascunhado boa parte deste livro antes de perceber que no texto em si estava evitando duas palavras comuns demais em biografias de artistas: genialidade e obra-prima. A primeira palavra uso apenas em citações da época de Beethoven. A última não uso. Em relação à “genialidade”, não é porque não acredito em sua existência, mas sim porque simplesmente não preciso da palavra. Este livro é um retrato de um músico consumado criando sua obra, tocando piano, encontrando sua voz, achando seu nicho, vendendo seus produtos, cortejando patronos, benfeitores e editores, apaixonando-se, agradando seu público em um momento e provocando-o em outro; e, em sua arte, desafiando todos os limites com coragem e integridade incomparáveis.

## Rodrigo Madeira

Em cada gota de sangue e tinta, há um pouco do cadáver, há um pouco do menino.

\*

O homem é o melhor rei absolutista do cachorro.

\*

Psicanálise é ficar ajeitando a alma na frente do espelho.

\*

Um cão tem mais humanidade do que o homem. O homem, no entanto, é mais cachorro.

\*

Esta é uma verdade universal e uterina (diria mais, é uma verdade espermaticamente olímpica!): cada um de nós é o Michael Phelps de si mesmo.

\*

A morte é uma solidão sem si mesmo.

\*

A eternidade é um baita defeito de caráter.

\*

Se não fosse um monopólio, a Criação já teria falido.

\*

O acaso é a Las Vegas de Deus.

\*

Se um mês na solitária enlouquece o caboclo, o que a eternidade não já fez com Deus?

\*

E, no fim, todo mundo faltará ao próprio enterro.

# Mulheres que escrevem poesia lendo mulheres vivas

## A vontade de comer a musa com arroz e feijão

Estela Rosa

A figura da mulher na poesia esteve, por largos e longos séculos, relegada ao papel romântico da musa inspiradora. Calada, silenciosa, casta, bela, recatada e do lar. Por muitos séculos, salvo raras exceções como Safo, fomos apagadas. Estivemos em silêncio, ou melhor: silenciadas. Distantes, guardando nossos escritos embaixo dos tacos soltos da sala, como Jane Austen. Mesmo escondidas, nossas palavras se levantavam aos poucos e aos poucos deixávamos de ser apenas o objeto da poesia. Já não cabíamos mais no papel da musa intocável. Desperta aí uma vontade de comer esta musa com arroz e feijão, lamber seus dedos e colocá-la para dançar nua no meio da sala. Convidamos a musa para dançar conosco.

A duras penas, éramos uma mulher dentre vários homens. Não precisamos fazer muita força para lembrar nomes como Pagu ou Ana Cristina César, cumprindo essa dupla jornada, que ainda nos persegue, de ser ao mesmo tempo poetas e musas inspiradoras. Resistência é abrir caminho como elas fizeram. Deixar uma trilha marcada para as que ainda virão. Junto a elas, Adélia Prado, Hilda Hilst, Orides Fontela, Gilka Machado e tantas outras, em tantas épocas, com suas histórias atravessadas pela dificuldade de largar pela rua sua fantasia romântica de musa.

Na FLIP 2016, comemorávamos o fato de ter uma mulher homenageada, Ana Cristina César, poeta marginal

(a FLIP, criada em 2003, só teve duas mulheres como homenageadas: além de Ana C., Clarice Lispector em 2005). A ansiedade de ter a chance de debater o papel de uma mulher poeta em um evento deste porte foi completamente soterrada por uma mesa composta exclusivamente por homens falando sobre Ana C. A disparidade entre o número de convidadas mulheres e convidados homens não foi uma grande surpresa, mas não deixa de ser mais uma pedra que precisamos ultrapassar com desgosto e força. Nesta mesa polêmica, vimos Ana Cristina César, em toda sua complexidade, ser, novamente, encaixada à força no papel de musa. Foi lembrada como uma linda mulher mais do que como uma poeta mulher. Estávamos em 2016, algumas dizem que estamos na Primavera das Mulheres, mas Ana C. segue sendo vista como uma poeta lindíssima, reduzida a uma florzinha complexa e marginal.

Aguentar, resistir e ultrapassar os obstáculos impostos por um cânone machista é cansativo. A poesia das mulheres é atravessada pela solidão. Quando produzimos sozinhas, a vontade é de realmente escrever apenas para a gaveta. Como disse a poeta e teórica Tatiana Pequeno, no dia 8 de março: “depois do não, era preciso coragem para insistir: gostar de poesia não te faz poeta, garota. certo ou errado, permaneci (só)letrando. tira o vocativo desse poema. tira a palavra amor, tira esse verbo cafona. não tiro não. não tiro mesmo. o poema é meu.”

Resistir ao pensamento de mulheres leitoras de poesia e transformar a poesia em um lugar de escrita é uma tarefa árdua, mas necessária, urgente. Na solidão da mesa e da cadeira, é difícil resistir. Para sobreviver, precisamos criar diálogos entre nós.

O Prêmio Bravo, que aconteceu em março deste ano de 2017, trouxe à tona, mais uma vez, a falta de mulheres contempladas em listas de premiados. Um júri todo composto por homens premiando homens. Na contramão disso surge Micheliny Verunschek e, resistindo mais uma vez, cria o Prêmio Brava. É nosso papel consumir a nós mesmas. Precisamos e devemos ler mulheres vivas. Em uma pesquisa realizada entre os anos de 1990 e 2004, Regina Dalcastagnè chegou à conclusão de que “de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos, 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%”. Na carona de Elena Ferrante em uma entrevista, engrosso o coro: se escrever sobre minha vivência enquanto mulher é escrever literatura feminina, que seja.

Partindo para uma vivência mais pessoal, tenho um livro engavetado há quase dez anos. Não apenas a falta de coragem, mas a falta de vozes que gritassem por este espaço junto comigo me fez criar em silêncio. Com poucos leitores que recebiam minhas poesias via e-mail, me mantive assim até iniciar, em 2015, uma jornada por entre mulheres que escrevem. Há

dois anos lendo 99% do meu tempo escritoras mulheres, abri meu leque de poetas mulheres. Se antes eu me mantinha entre as sobreviventes Adélia Prado, Adília Lopes, Angélica Freitas e Verônica Stigger, hoje posso dizer que me esparramo entre mulheres poetas com quem posso conversar na mesa do bar. Com quem posso trocar poesias via WhatsApp, as quais posso acompanhar o movimento diário de resistência. É assim que sobrevivo e me identifico enquanto mulher e poeta. É sobre essas mulheres vivas, que se levantam em meio a tanto retrocesso, que precisamos falar.

Há um movimento forte e constante de mulheres escrevendo poesia no Brasil e no mundo. Muitas delas sequer publicaram livros, outras publicaram por editoras pequenas e independentes. Algumas apelam para o universo das zines para firmar sua escrita contemporânea. Outras escrevem sua poesia até mesmo nas paredes. Não importa o meio, o que importa é que elas escrevem, dialogam e se fortalecem. Apesar da falta de lugar para exercer nossas vozes, apesar do eterno escanteio que é ser musa inspiradora, escrevemos e muito e sempre. Uma escrita atravessada pela dor e pela força de ser mulher. Plurais, imensas e unidas por um viés em comum, as musas românticas rasgam a fantasia e se levantam nuas no meio da sala.

A seguir, duas poetas iniciam a série que o **Relevo** passa a publicar a partir desta edição:

Quando penso na Rita Isadora Pessoa, me vem aquele trequinho de música “seria uma sereia ou seria só delírio tropical?”. Com uma voz única, capaz de levantar em segundos aquela nossa voz silenciada, Rita usa sua poesia como o canto de uma sereia e vai nos levando por seus medos, por seus desejos, por suas vontades. Rita é uma das poetas que caminha por entre mesas de bares conosco e nossa construção é lado a lado. “A vida nos vulcões” é o primeiro livro da Rita e foi publicado pela editora Oito e Meio.

## “das ruínas preliminares” ou “dos papéis individuais no fim do mundo”

Rita Isadora Pessoa

aquela sou eu esperando a catástrofe  
com as mãos seraficamente pousadas  
sobre o colo  
a verdade é que só preciso  
me agarrar violentamente  
a um ponto fixo  
na disco-voragem  
deste sonho  
e permanecer submersa  
acontece que eu engulo tua indiscrição gulosa  
descendo pelas minhas pernas  
e devolvo delicadas ossadas  
sob o signo da carnificina moderada  
(uma forma de canibalismo contemporâneo?)  
expostas em seu tutano todas as comissuras dos ossinhos  
equilibrados sobre a porcelana  
frágil do meu prato, porque uma coisa que acontece é que  
o meu corpo  
ele não se quebra  
não quebra como se quebra um prato  
ou um fêmur  
não como se quebra uma linha  
no fim de uma frase longa e deselegante  
alinhada à esquerda  
o que tenho a ser feito  
pode até ser chamado de ofício  
de linha e agulha  
mas eu contenho hemorragias  
é o que eu faço  
—deveria ter sido médica  
mas me coube ser dique  
: eu contenho hemorragias  
com as mãos  
todos os dias  
—um ofício que empresto  
da pedra  
para subjugar o rio

Conheci a Simone Brantes através de alguns amigos em comum. Calma e até um pouco tímida, quando peguei nas mãos em 2008 seu livro “Pastilhas Brancas”, lançado em 1999, me surpreendi. Simone entrou como pioneira em minha memória por ser uma mulher poeta ao meu alcance. Talvez ela não saiba disso, talvez até mesmo enrubesça, mas seu livro me foi um fôlego quando achei que só poderia gostar de poesia, mas não escrever. Seu último livro, lançado também pela 7 Letras, “Quase todas as noites”, mostra uma escrita mais madura, mais direta, que me fez lembrar aquelas pastilhas, aquele primeiro encontro. Quase dez anos depois, Simone estava de novo ao meu alcance, transformando minha experiência com a sua poesia.

## Coisas em que um poeta vem pensando

Simone Brantes

Vou morrer  
sem comer todas as mulheres  
que queria  
sem escrever  
todos os poemas que desejei  
Pior:  
vou morrer  
sem ver todas as mulheres  
que não comi  
sem ler  
todos os poemas que não escrevi

# Viking ( 1975 - anos 90 & 2000 ~ )

---

## Alexandre Guarnieri

o solipsismo gnosiológico  
da sonda  
ao mapear o vasto  
território marciano

os passeios solitários  
para recolher  
delicadíssimos centímetros  
cúbicos  
( amostras de solo inosso )

os testes, rotinas/ sub-rotinas  
como a consciência do mecanismo  
enviado ao planeta vizinho

revelam enfim as análises,  
inequivocamente:

"*Life on mars*" não há

em marte, só mesmo a morte,  
sólida, gelada,  
em total isolamento,  
parece  
se bastar

Poema integrante de *Gravidade Zerø*, Penalux, 2017

# Adamastor

---

## Vanessa Caspon

no imenso  
salíneo,

meu gesto  
modesto:

atravessar sem nau  
as Gamas deste símbolo,

sem Grupo ou objetivo  
que não fosse lírico:

me serrar quieta no sal  
de conchas infinitas...

lutar pelo que destrói,  
havendo deveras sentido

buscar ser herói,  
sendo apenas vencido

# Clarão

Carvalho Júnior

a fome – ave de rapina –  
 fita o que nos desalimenta,  
 cada farelo que nos consome:  
 os ásperos grãos  
 de pão,  
 de guerras,  
 de prêmios,  
 de dinheiro,  
 de poder  
 caberia tudo  
 num só clarão de espanto ou  
 num bater de asas sovinas?  
 a fome, de modo inclemente,  
 mata com pílulas de culpa,  
 de exílios e silêncios cortantes  
 um sonho de capa de jornal:  
 em fase de inapetência e autoflagelo,  
 a fome suicida-se,  
 com uma garfada,  
 no fundo da vasilha  
 em que jantava vazios.



# Tipografia

## Juliana Krupp

às vezes  
em geral domingo  
eu o vejo: coágulo  
escuro massa estanque que se instaura  
pedra singrando  
ao redor da qual o dia vai crescendo  
e apodrece

porque no centro da verdade há um viço  
e eu olho simplesmente olho impossível não reparar camada  
após camada a casca reluz seu calcário arregalado e já não somos mais  
eu e você mas sim espessuras  
singulares silhuetas de arvoredo passando em velocidade difícil  
distinguir as formas por trás do vidro quando somos apenas

duas melodias ou melhor duas  
ênfases de melodia como se disséssemos sempre  
um píer não é uma margem um píer é o ponto  
de ver o estuário de esperar o espalhafato  
com que a água ameaça a membrana que é este domingo um posto  
de observação onde a ideia de arbítrio extingue os procedimentos  
familiares a esta cama e você se torna fantasmagórico com sua espessura tão  
diferente da minha já que estou só  
com esse coágulo na mão uma substância órfã que aninho enquanto  
temo o viço da verdade a mentira que não se insinua apenas passa  
em sua marcha secreta um novo ponto agora talvez mais claro  
não o coágulo em si só outra fruta  
inútil apodrecendo na correnteza

